

**RESTOS DE NADA: A VIVÊNCIA DOS TRABALHADORES DA  
INDUSTRIAL MALVINA NO DISTRITO DE ENGENHEIRO  
DOLABELA (BOCAIÚVA/MG) 1970/1980**

José Reinaldo Pereira\*

O presente texto aborda alguns pontos referente a história oral e memória como metodologia a ser aplicada para compreender as vivências e as relações dos trabalhadores da Industrial Malvina S/A do Distrito de Engenheiro Dolabela do município de Bocaiúva no período de 1970 a 1980. Período em que usina viveu dias de glória, tendo alto índice de produção, colocando Engenheiro Dolabela no mapa da produção industrial. Conforme alguns depoimentos de antigos moradores e ex trabalhadores, o lugar apresentava alto índice de desenvolvimento, oferecendo serviços básicos de saúde e educação, superiores àqueles encontrados no município de Bocaiúva, ao qual o distrito é vinculado, e região. A usina foi responsável, por imprimir modos de vida distintos daqueles experimentados até então. Os relatos de pessoas que fizeram parte do período de funcionamento do Industrial, dão conta de tamanha gratidão, por parte de alguns, pelas melhores condições de trabalho em comparação a outros trabalhos, e entendem a exploração a que eram submetidos como algo aceitável.

**Palavras-chave:** História oral, Malvina, Engenheiro Dolabela.

**NOTHING REMAINS: THE EXPERIENCE OF MALVINA  
INDUSTRIAL WORKERS IN ENGENHEIRO DOLABELA DISTRICT  
(BOCAIÚVA / MG) 1970/1980**

The present text addresses some points concerning oral history and memory as a methodology to be applied in order to understand the experiences and the relations of the workers of Industrial Malvina S.A in Engenheiro Dolabela District of the municipality of Bocaiúva from 1970 to 1980. Period in which the plant lived days of glory, having a high production index, placing Engenheiro Dolabela on the map of industrial production. According to some testimonies of former residents and former workers, the place had a high rate of development, offering basic health and education services, superior to those found in the municipality of Bocaiúva, to which the district is bound, and also superior in comparison to the region. The plant was responsible for printing ways of life distinct from those experienced so far. The accounts of people who were part of the Industrial period of operation report on such gratitude by some for

---

\* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES).

Email: josereinaldohist@hotmail.com

better working conditions compared to other jobs, and they also understand the exploitation to which they were subjected as something acceptable.

**Keywords:** Oral History, Malvina, Engenheiro Dolabela.

### **Introdução:**

O presente texto aborda parte introdutória da pesquisa que propõe o entendimento das vivências dos trabalhadores da Industrial Malvina S/A, que teve seu funcionamento no decorrer do século XX, com alternância de nome, de proprietários e de produção. Ela está localizada no Distrito de Engenheiro Dolabela, pertencente à cidade de Bocaiúva, no Norte do Estado de Minas Gerais. Destaco aqui que a pesquisa está em andamento, e realizaremos um breve histórico da indústria; apontaremos algumas indagações e uma sucinta abordagem referente ao uso da memória e a História Oral como metodologia a ser aplicada.

Durante muito tempo a Industrial Malvina S/A foi responsável por parte significativa da produção açucareira e etílica do Norte de Minas Gerais. Bastante relevante para o desenvolvimento político, econômico e social da região a qual esteve inserida, onde atualmente encontramos apenas os restos, e principalmente da cidade de Bocaiúva que fora bastante beneficiada com as arrecadações provenientes da empresa. Por várias décadas do século XX, a Malvina, que durante seu funcionamento polarizou a força de trabalho braçal, manteve sob seu controle um centro comercial para atender seus trabalhadores dos diversos setores e que atraíam também moradores das redondezas. Hoje o lugar em muito se aproxima da imagem de filmes, uma vila semiabandonada, em que idosos e crianças convivem com o que restou daquilo que um dia foi um pujante centro produtivo.

Procuramos compreender como se davam as relações dos trabalhadores com a empresa, e os empregadores com seus empregados, buscando entender como esses indivíduos eram percebidos pela comunidade, uma vez que possuir registro trabalhista nessa época era algo de destaque entre os demais, obtendo alguma “segurança” garantida pelos direitos trabalhistas, os sindicatos, organizações que podiam fazer valer esses direitos.

### **Engenheiro Dolabela. Industrial Malvina S/A**

Parte da história de um determinado lugar abrange não somente seu limite territorial. Em Granjas Reunidas, e especificamente o atual Distrito Engenheiro Dolabela, da cidade de Bocaiúva, localizada a cerca de 333 km de Belo Horizonte, Capital do Estado de Minas Gerais, não foi diferente. Em meados do século XX, a chegada do Conde Alfredo Dolabella Portella fez com que as memórias daquele povo ficassem profundamente marcadas, influenciando os modos de trabalho e os costumes daquela região. Um lugarejo pacato, como tantos outros semelhantes encontrados pelo país afora, mas guarda consigo um legado extremamente importante da região. É parte viva da história do processo de desenvolvimento econômico local, palco de vivências de trabalhadores rurais que foram expostos a vários meios de exploração de suas atividades e puderam experimentar modos de vida nunca antes vivido naquela região.

Nesse local, por várias décadas do século passado funcionou a Usina Malvina, importante produtora de açúcar e álcool para o estado, e durante seu funcionamento polarizou a força de trabalho braçal, bem como um centro comercial para o qual convergiam os moradores das redondezas. Hoje o lugar em muito se aproxima da imagem de filmes, uma vila semiabandonada, em que idosos e crianças convivem com o que restou daquilo que um dia foi um pujante centro produtivo.

No começo do século XX houve o processo de expansão da malha ferroviária federal, muitas localidades foram transformadas em canteiros de obras desse processo de interiorização e ligação regional. Conforme Lessa (1993), a ferrovia tinha sua imagem relacionada a ideia geral de circulação, proporcionaria o avanço da civilização e progresso econômico naqueles ambientes pouco afeitos a isso, estabelecendo redes de transporte que iam muito além de quaisquer limitações, sobretudo espaciais. Para a autora, as ferrovias representavam a possibilidade de superação de obstáculos por parte das sociedades, significavam levar o modelo de mundo urbano industrializado a todos os rincões.

Dessa forma entra em cena Alfredo Dolabella Portella, empresário e sobrinho do engenheiro Ludgero Wandick Dolabella<sup>†</sup>, que era um dos engenheiros responsáveis pela linha férrea que ligaria o Norte de Minas à capital do Estado, Belo Horizonte, e a capital do Brasil, Rio de Janeiro, fazendo ligação com a Central do Brasil. Juntos criaram a empresa Cia Dolabella & Portella Ltda. A empresa prestava serviço para o governo em diversas obras em muitos estados como: Rio de Janeiro, Minas Gerais, Ceará, Alagoas e Pernambuco. Fornecia dormentes para a construção da linha férrea e realizavam os traçados por onde passaria a estrada de ferro. Dessa forma o Conde Alfredo Dolabella fez muita riqueza, adquirindo terras por onde passaria a Central, e posteriormente as revenderia para a União, obtendo assim um bom lucro.

A partir de 1910, o Conde Alfredo Dolabella\*\*, através da empresa Cia Dolabella & Portella Ltda., adquire terras de fazendeiros e sitiantes na região da cidade de Bocaiúva, sendo as antigas fazendas, Sítio, Boa Vista, Pé do Morro, Rapado, Barra da Caatinga, Várzea Comprida, Cana Brava, Sumidouro, Tirirical, Curral de Varas e Capim Velho, agrupando todas e criando a Granja Reunidas, que tornaria um complexo agropastoril, local onde foi construída a primeira usina de beneficiamento de cana para a produção de açúcar e álcool. (SIQUEIRA,2001, P.70)

O Conde Alfredo Dolabella cria em Granjas Reunidas uma fazenda com cidade em seu meio, na qual os trabalhadores usufruíam de casas, hospital, escola, armazém, etc. Ali as atividades consistiam no desenvolvimento da agricultura, com fortes características empresariais, na qual os trabalhadores recebiam a posse de terras, alguma quantia em proporção ao que fosse cultivado, e, ainda, recebiam reembolso por meio de produtos colhidos, além de terem prioridade na aquisição da produção. Houve rápida expansão produtiva, especialmente a partir da implementação da indústria de produção de açúcar, que proporcionou mais dinamismo econômico, a necessidade de

---

<sup>†</sup>Ludgero Wandick Dolabella foi um Engenheiro diplomado pela Escola de Minas de Ouro Preto, em 1888. Participou também da construção da nova Capital de Minas Gerais, Belo Horizonte. Era um Engenheiro responsável pela linha férrea, Belo Horizonte/Montes Claros.

\*\*A denominação de conde foi concedida pela igreja católica em virtude de doações e construções de igrejas em prol da comunidade cristã. Contudo já no final da década de 1930 ele reivindicava o reconhecimento/título de Barão e dizia estar no mesmo patamar dos Mauá.

mais trabalhadores, e, conseqüentemente, mais retorno econômico, chegando a elevar o índice populacional de Bocaiúva em mais 3.000 pessoas. (AMORIM,1999, P.55)

Amorim relata que o conde Alfredo Dolabella foi aclamado presidente do Partido Republicano local (PR) e teve muita dificuldade em se manter na política de Bocaiúva, que era bastante conservadora e não permitia a entrada de forasteiros. Dessa forma, o conde Alfredo Dolabella impôs uma política dura, acirrada, fazendo com que seus opositores deixassem Bocaiúva. Assim conseguiu que fossem nomeados Flamínio de Assis, como Agente Administrativo, essa função é a mesma de prefeito, da cidade de Bocaiúva, fazendo também o seu irmão Juvenal Dolabella como vereador. (AMORIM,1999, P.66)

O conde Alfredo Dolabella era influente na política e amigo de Dr. Fernando Melo Viana, que foi presidente do Estado de Minas entre 1924 – 1926, e vice-presidente Washington Luís durante seu mandato. Em 1929, aliou-se à Concentração Conservadora, movimento político mineiro de apoio à campanha de Júlio Prestes, candidato a Presidência da República para as eleições de 1930. Neste momento o Brasil se dividia em duas correntes, a Conservadora, apoiada pelo conde Alfredo Dolabella, e a Aliança Liberal, que tinha como candidato à Presidência da República Getúlio Vargas e de vice-governador João Pessoa. Em plena campanha a comitiva Conservadora saiu de Belo Horizonte para Montes Claros, almoçaram em Granjas Reunidas, onde foram recebidos por cerca de 400 pessoas, entre funcionários e apoiadores, e à tarde seguiram viagem.

O dia 06 de fevereiro de 1930, durante uma caminhada da comitiva, um ato de violência marcou essa data na história da cidade e ficou conhecido por todo o Brasil como “Tocaia dos Bugres”, denominação dada pelo então presidente Washington Luiz. O tiroteio ocorreu durante a noite, na frente da Casa do Dr. João Alves. Depois do cessar-fogo foram contabilizadas as seguintes mortes: José Antônio da Conceição; poeta João Soares da Silva conhecido pela alcunha de João Gordo; Rafael Fleury da Rocha, que era secretário particular do Dr. Melo Viana; dona Iracy de Oliveira Novaes; o menino Fifi; e Moacyr Dolabella Portella, irmão do conde Alfredo Dolabella.

Com a Revolução de 1930 e a chegada de Getúlio Vargas no poder, a quem o conde Alfredo Dolabella era opositor, e com a destituição de Washington Luiz da Presidência do Brasil, a exoneração do Flamínio de Assis, fizeram com que a influência

política imposta pelo conde Alfredo Dolabella na região de Bocaiúva decaísse. O processo de industrialização e a moderna organização da produção entraram em conflito com os interesses dos grupos políticos locais, ainda alicerçados na monocultura de latifúndio. (AMORIM,1999, P.67). Em função disso, o conde Alfredo Dolabella perde prestígio e inúmeras concessões de obras pelo país.

Em 14 de novembro de 1940 na cidade do Rio de Janeiro morre conde Alfredo Dolabella, em sua residência nesta cidade de forma repentina pela manhã quando se preparava para ir para seu escritório, sua morte foi noticiada em jornais e repercutiu como uma grande perda no meio empresarial. Com dificuldades de gerenciar o montante de empresas deixadas pelo conde Alfredo Dolabella, sua família resolve desfazer de alguns empreendimentos dentre eles a empresa Granjas Reunidas no norte do estado de Minas Gerais. Dessa forma em 1944 empresa foi negociada com um empresário de Belo Horizonte, Evaldo Loyd, que posteriormente a vendeu para o grupo Matarazzo.

Em 1945, a empresa Dolabella Portella e Cia. Ltda Granjas Reunidas foi adquirida pelo Grupo Matarazzo, recebendo a alcunha de Cia. Agro-Industrial Jequitaiá. O gigantesco Grupo Matarazzo já era um dos maiores conglomerados industriais brasileiros, com alto nível organizacional e produtivo. “Em 1911, constituiu a sociedade anônima IRFM, Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo, por vezes Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, que, na década de 1930, já era “o principal grupo industrial do país, com dezenas de milhares de operários e ramificações por todo o território nacional”. (SOUZA, 2013, p.11)

Todo o conhecimento técnico e a necessidade de expansão produtiva em razão da 2ª Guerra Mundial fizeram com que os Matarazzo manifestassem interesse pela posse daquela fazenda-indústria altamente produtiva. Chama-nos atenção o fato de que tal aquisição proporcionava a descentralização dos negócios do grupo, em sua maior parte localizados no estado de São Paulo. Além disso, devemos ressaltar que a vida em comunidade foi alterada, o conglomerado implementou técnicas de gestão com vistas ao aumento da produção, construiu novas moradias, implantou uma cooperativa de alimentos, igreja, escola, campo de futebol e cinema. Essa dinâmica criou um universo distinto daquele vivenciado no restante do Norte de Minas Gerais, ainda que os

trabalhadores fossem explorados, encontravam melhores condições de vida naquele lugar.

No final dos anos 1960, apesar do processo de organização dos trabalhadores em prol de direitos sociais, o Grupo Matarazzo entra em profunda crise econômica e opta por encerrar suas atividades em Engenheiro Dolabela. Nessa ocasião, por intermédio da 4ª Região Militar do Exército, juntamente com o Governo do Estado de Minas Gerais, ocorreu uma mobilização destes para impedir o fechamento dessa Usina que era responsável por diversos empregos e uma produção de 40% do açúcar produzido no Estado. Muitos Empresários manifestaram interesse e a empresa, em 1969, passa a ser comandada pelo Grupo Barbosa/Botelho, que com apoio financeiro do Governo de Minas e recursos do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais, controlavam algumas usinas açucareiras do Estado. Esse período sem funcionamento da usina ocasiona um grande abalo na população, que dependia totalmente daquela empresa, algumas famílias passaram por diversas dificuldades e outras migraram da região em busca de trabalho.

Em 1970, a empresa controlada pelos empresários Roberto Alves Botelho e José Silveira Barbosa passa a se chamar Industrial Malvina S/A. Com a retomada da plantação da cana, sinais de esperança para as famílias que ali permaneciam começa a aparecer. Relatos demonstraram que as pessoas ali nascidas, suas raízes são ligadas a um sentimento de pertencimento para com a Malvina e o seu fechamento estava associada como a perda de alguém próximo e/ou até mesmo de um parente e a sua desativação poderia culminar com o encerramento de um sonho futuro, o de trabalhar na Malvina.

Contudo, a Malvina volta a produzir. E com o incentivo do Programa Nacional do Álcool - o PROÁLCOOL - como ficara conhecido, com o intuito de resolver a crise do petróleo na década de 1970, o governo investiu e incentivara a produção de álcool carburante para automóveis. Desta forma a Industrial Malvina triplica a produção de álcool, e também consegue manter as médias de produção de açúcar obtidas pelos antigos proprietários.

Em 1974, a Industrial Malvina S/A foi negociada com o Grupo Atalla, empresa paulista que nesse período era considerada tradicional na produção açucareira no estado de São Paulo. O investimento financeiro e tecnológico provocaria uma revolução na fabricação de açúcar e álcool. Uma nova usina fora montada para a

produção de álcool carburante, novos equipamentos foram trazidos, muitos desses importados, uma nova frota de caminhões. No campo, a terra foi tratada para melhorar o plantio da cana, que também passou por processo de melhoramento de mudas fazendo com que essas fossem capazes de se multiplicarem com mais rapidez. O número de trabalhadores com carteira assinada também foi ampliado, com uma maior oferta de trabalho.

Na área social houve melhorias com a construção de um hospital, a reforma da rede de esgoto, ampliação da escola, proporcionando uma melhoria na formação da mão-de-obra para a empresa. O lazer ficou por conta da reestruturação do campo de futebol que fora um dos melhores do Norte do Estado, o estádio do ADJD, Associação Desportiva do Jequitáí de Dolabela, onde foi palco de muitas partidas de futebol que permanecem presentes nas memórias dos que fizeram parte do time e torcedores, sendo que muitos destes trabalhadores da Malvina. A formação do time de futebol era composta por trabalhadores da Industrial Malvina S/A e bancado pela mesma, que muitas vezes contratava um funcionário que era bom de bola para compor o time para as competições e não importava muito com seu rendimento no chão da fábrica desde que rendesse bem dentro do campo durante os jogos, uma vez que as competições eram acirradas e a vitória destacava ainda mais o nome da empresa. Foram feitas melhorias também no cinema e no salão de festas.

Assim, procuramos compreender nesse período como se dava as relações de trabalho e trabalhadores, uma vez que a diversidade destes e os interesses eram enormes. Alguns funcionários eram contratados pela empresa com intuito de atuarem no time de futebol da indústria, caracterizando uma “elite” dentre os trabalhadores. Havia também aspirações de melhores salários e cargos para aqueles que buscavam qualificação afim de obter uma carreira de sucesso tornando-se mecânico, chefe ou encarregado de produção, dentre outras funções que poderiam proporcionar um lugar de destaque naquele lugarejo, na Malvina e até mesmo em sua volta.

Dessa forma procuramos compreender algumas contradições que pude presenciar na minha vida. Por ter sido criado em Bocaiúva na década de 1980 ouvi muitas histórias desta empresa, algumas expressavam um saudosismo, outras nem tanto. Pude presenciar ainda quando criança de uma passagem por aquela região, e guardo na

memória uma imagem de campos repletos de cana e a fumaça saindo da torre do forno e não tinha ideia do que era produzido, no entanto, me explicaram que ali fabricava-se açúcar e álcool. Ali era um local repleto de pessoas onde entrava e saía muitos carros. Passaram-se os anos e a Malvina passou da grandeza para a ruína.

Durante uma viagem para Belo Horizonte e vendo a ruína daquele lugarejo pela vidraça do ônibus comecei a questionar, como era a vida daquelas pessoas, quando a empresa ainda no seu ápice de produção provocava uma agitação efervescente de pessoas; como era as relações entre trabalhadores temporários, os que trabalhavam no corte de cana ou no comércio, para com os internos, efetivos da Malvina? Havia uma elite trabalhadora naquele industrial? Quais eram as vivências e experiências dos trabalhadores? Como estavam as pessoas que ali viviam? Como eram as confraternizações da Malvina e como seus empregados se comportavam? Além dessas muitas outras indagações fizera com que eu fosse pesquisando, conversando com pessoas que tiveram de alguma forma uma ligação com os restos da Malvina.

Portanto, para buscarmos um entendimento das muitas indagações apresentadas fazemos opção pela “história vista de baixo” por entender que uma sociedade se organiza e se divide em classes, e que a composição desta está presente na memória das pessoas que ali viveram ou que tiveram contato direta ou indiretamente com o Distrito de Engenheiro Dolabella. Contudo, para Bloch, o historiador deve “farejar a carne humana”, buscar indícios das transformações promovidas pelas sociedades, tornando palatável o entendimento de sua dinâmica. Buscamos, num tempo e espaço muito bem delimitado, analisar como esses trabalhadores perceberam as transformações ocorridas no seu trabalho e no seu cotidiano com a chegada do Grupo Atalla naquela região. (BLOCH, 2002, P 20)

### **Memória e oralidade na História**

A memória é parte fundamental para a história, sendo uma representação do passado histórica e social. Para Le Goff, ela é “...como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças

às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 1990. p 424)

Le Goff demonstra que o surgimento da escrita contribuiu para uma profunda transformação na memória coletiva. A escrita proporcionou a memória coletiva duas formas, sendo a primeira o ato comemorativo, através de monumentos que simbolizam um acontecimento, registro na história. Em diversos locais esses simbolismos se deram nas pedras erguidas, inscrições nas pedras que contavam um acontecimento memorável como uma vitória em alguma guerra, a conquista de algum território e povos, dentre outras, presente em funerais para registrar a vida do morto. A segunda é a memória ligada ao documento escrito que assegura o “armazenamento de informações” auditivas e visuais.

História e Memória, apesar de suas semelhanças e de terem o passado como “substrato”, apresentam características que, dependendo do fato, podem direcionar as informações aos interesses dos atores sociais que falam. O desacordo entre os dois pode se dar na “capacidade de operar discursivamente a variedade dos tempos da memória, de estabelecer o margeamento da história” (PIMENTEL, 1998, p206)

Dessa forma cabe ao historiador cuidado ao trabalhar com a memória. Nela encontra-se informações que podem estar carregadas de emoções e/ou decepções que ao trazer para o presente poderá apontar “mutações” ou omissões, que o entrevistado e/ou entrevistados, por questões individuais, procurem preservar ou direcionar sua fala para amenizar ou agravar um fato ocorrido. Assim procuramos compreender as experiências e vivências dos trabalhadores da Usina Malvina, em Engenheiro Dolabela. Sua convivência e seus conflitos com o trabalho e com outros tantos trabalhadores que dependiam daquela empresa.

Para Bloch, o historiador possui uma tarefa árdua por trabalhar com o passado e fazer a História uma ciência, a “ciência dos homens” e não somente dos homens, mas, de “homens no tempo”. O historiador possui diversos tipos de documentos, para analisá-los afim de definir uma proposição do objeto ao qual dedicou sua pesquisa. O entendimento ao qual propusera estará condicionado ao tempo em que se escreve e não será definitivo, assim o historiador poderá então estar propondo também, uma

discursão a ser conduzida por ele mesmo e/ou pelos que o sucederão. (BLOCH, 1997, p 55)

A oralidade, como metodologia, contribui com a historiografia na busca da compreensão de relações entre as pessoas, que não necessariamente estão presentes em documentos ou jornais. Assim o historiador poderá entrar no universo particular dos indivíduos, e entender como eles constroem suas experiências humanas, a forma como se relacionam com grupos sociais abaixo ou acima da sua posição, o mundo do trabalho, etc.

Nesse contexto, a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p. 17).

Dessa forma nota-se a importância da memória, e quanto é necessário a sua preservação. Nela a experiência, a vivência humana contribui para a organização social e direciona o caminho a ser percorrido pelas pessoas de um determinado lugar, tribo ou região, é claro que fatores políticos, econômicos podem alterar um planejamento estabelecido. Remeto aqui nesse trecho o momento atual que estamos vivenciando no Brasil, o desgaste político e sua crise impactando na vida e nos costumes do povo brasileiro. Certamente quando este período for colocado em embate por pesquisadores, certamente a oralidade dos agentes envolvidos no contexto político e das classes mais afetadas contribuirão para o entendimento desse processo ainda na presente data em curso.

A “história oral tem um compromisso radical em favor da mensagem social da história como um todo” (THOMPSON, 1992, p. 26). Assim a história oral faz com que ampliemos o nosso conhecimento sobre os aspectos que envolvem toda a complexidade de uma sociedade. Contudo, somente criteriosa aplicação da metodologia e análise das fontes poderá permitir resgatar períodos e refletir sobre diversos temas sociais que envolvem as relações entre pessoas.

A oralidade sempre fora utilizada para a transmissão de conhecimento. Estando presente em várias “Eras” e sociedades mundo afora, preservando e mantendo

os costumes, as tradições. Assim a fonte oral é inegavelmente parte da construção e do fazer História, sendo a fonte, o indivíduo, que tivera presenciado ou fora personagem de um acontecimento ou fato que marcou, impactou o modo, costume de uma sociedade, de um povo, de uma região.

Buscamos na oralidade, nos depoimentos dos ex-trabalhadores da Industrial Malvina e moradores de Engenheiro Dolabela e Bocaiúva, que estiveram diretamente ligados ao período em que essa empresa esteve ativa, permitindo que possamos compreender como se davam a relação entre trabalhadores fixos e temporários, como era o trabalho, o relacionamento com as chefias e os patrões? Acontecimentos que estão em suas memórias, possibilitando verificar se realmente há controvérsias entre o saudosismo de ser funcionário desta empresa ou a tristeza em ter sido explorado. Dessa forma procuraremos dar voz a esses trabalhadores e podendo registrar parte da história desse distrito e da cidade de Bocaiúva a qual era beneficiada diretamente com o desenvolvimento daquela região. Para tal, serão realizadas entrevistas afim de verificar como os trabalhadores daquela região lidavam com as transformações que aconteceram naquele distrito em prol da usina. Assim Thompson demonstra que:

Toda fonte histórica deriva da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas de memória cavar bem fundo em suas sombras na expectativa de atingir a verdade oculta. (THOMPSON, 1998, p197)

Contudo, podemos considerar que os trabalhadores urbanos ou não de diversos seguimentos do mundo do trabalho são de grande contribuição para compreendermos determinados períodos, períodos estes, no qual possamos contar com o depoimento do envolvido no tema pesquisado, podendo abrir um leque enorme de discursões que passeiam entre as lembranças coletivas e individuais, fazendo assim com que ampliemos o nosso conhecimento sobre os aspectos que envolve toda a complexidade de uma sociedade em determinados locais, regiões, estados e nações, sendo do campo ou não.

### **As vivências dos trabalhadores**

Com a implantação da Cia. Agroindustrial Dolabella Portella, a partir 1920, o índice populacional foi elevado para mais de 3.000 pessoas que viviam em função das atividades agrícolas, em suas memórias estão presentes os tempos áureos, que atualmente encontramos apenas os restos, as ruínas. Para os trabalhadores daquela região foi um tempo bom, pois tinha médico e hospital, fazia-se radiografia e dentadura, havia casa para morar com luz até às 10 horas da noite, sendo este uma quebra nos costumes. Também passou a ter cinema, podia perceber novas culturas apresentadas através dos filmes, outros contatos com produtos para atender os gostos e costumes das pessoas de fora que ali estavam entre eles, engenheiros, agrônomos, químicos, mecânicos e os “gringos”. Alguns destes produtos eram novidades e não eram encontrados nem nas maiores cidades do Norte de Minas e isso fazia com que as pessoas se deslocassem para Granjas Reunidas do Norte para adquirir tais novidades.

Existia uma relação de comércio com os trabalhadores bastante marcante que culminou na criação de moeda própria local, denominada de “Boró”. A empresa pagava seus funcionários com essa moeda que era aceita pelos comerciantes da região que depois a trocavam na empresa. Essa moeda teve sua circulação por vinte anos e fora cunhada em alumínio. Houve um impacto no cotidiano e nos costumes dos habitantes de Bocaiúva por influência dos empreendimentos da Cia. Agroindustrial Dolabella Portella, com abertura de estradas rodagens, iluminação noturna, produtos e especiarias trazidas de outras regiões.

O Senhor Noberto Caldeira Lessa, o morador mais velho do Distrito de Engenheiro Dolabela. Ele teve sua vida ligada a Usina desde sua construção na fazenda Sítio, a sua transferência para onde hoje existe apenas o resto, no Distrito de Engenheiro Dolabela. O senhor Noberto nos contou como era árduo o trabalho em todas as fazes da Industrial Malvina e disse com satisfação, *“tudo isso aí esses braços ajudou a fazer”*. Podemos perceber que o sentimento de pertencimento, fazer parte, tanto nas boas fazes quanto nas ruínas, períodos em que pairava a dúvida se a empresa iria fechar ou não, as incertezas perante as mudanças de proprietários. Ele nos contou que teve 14 filhos e todos foram criados ali, e que tem gratidão pela formação obtida com a chegada do Grupo Atalla. Nesse período ele trabalhou como segurança armado, carteira registrada e nos mostrou uma fotografia dessa época em um quadro pendurado na parede de sua casa.

O senhor Valdemar Antônio de Souza, trabalhou na empresa como encarregado e prestou serviço como terceirizado, empregado para a Malvina, chegando a dirigir o time do ADJD. Ele guarda boas lembranças tanto no trato com os chefes quanto com os jogadores e as partidas disputadas pelo time de futebol, rememorando jogos em Jaú, cidade de São Paulo. As festas, confraternizações também são presentes nas recordações do Senhor Valdemar, que relatou ter ajudado a organizar alguns desses eventos, que contavam com bandas contratadas pela empresa para comemorar vitórias do time, datas comemorativas como dia do trabalhador, dias santos e metas alcançadas de produção pela Malvina.

Essa pesquisa procura reconstruir e analisar o processo de elaboração das percepções da comunidade sobre si mesma, sua relação com a indústria, os modos como o mundo do trabalho, sua organização e a forma como lidou com as constantes alterações do patronato. Para tanto, a fonte oral é imprescindível, "reconhecer o uso da fonte oral como uma fonte documental a mais para o trabalho do historiador" (FENELON, 1995, p. 26), permite que a pesquisa possa aprofundar nas memórias dos trabalhadores afim de melhor compreensão do período estudo.

A reconstrução dessas dinâmicas se faz importante pelo que são. A oportunidade de dar voz a uma comunidade que foi explorada e esquecida, abusada pelos detentores do capital econômico e ignorada pelo Estado. O dito e o não dito é parte permanente desse debate. Ouvir o relato dos trabalhadores nos faz perceber a dinâmica humana em contraponto ao capital, em que eram entendidos apenas como trabalhadores passíveis de serem substituídos por outros, caso não conseguissem se adequar ou atender as expectativas da indústria.

Thompson, em "A formação da classe operária inglesa", lança luz sobre a vida do trabalhador e sua relação com o ambiente de trabalho, a exploração a qual estava submetido. Para ele, naquela Inglaterra em transição após a Revolução Industrial muitas subjetividades estavam em jogo e corroboravam para a exploração dos trabalhadores. Guardadas as devidas proporções, percebemos que os trabalhadores de Engenheiro Dolabela foram expostos a diversas subjetividades; eram explorados e quase não tinham direitos sociais, mas, por ocuparem o território da fábrica e usufruírem de condições menos precárias do que os lavradores "comuns", estabeleciam uma relação de

afetividade em relação ao patrão que supostamente os beneficiava.

Pesquisar a partir da perspectiva da vivência nos leva a abordar aspectos da memória, e esta “é dinâmica, ela é um processo; um processo de diálogo entre o presente e o passado do indivíduo, envolvendo os seus mais diversos níveis: o consciente, o inconsciente, o supra consciente” (GALLIAN, 1996, p.97). A memória é o acervo que pretendemos acessar, a maneira como esses trabalhadores percebiam seu cotidiano, as contradições que experimentavam, embora devamos interpretar esses relatos em prol de conseguir respostas consistentes para nossos questionamentos. Assim, enfatizar a experiência significa abordar a produção historiográfica sob outros pressupostos, é constatar mais do que os livros contam, é “ler” a memória desses homens e mulheres, interpretá-la de acordo com o que lhes é caro ou não, problematizando as questões.

### **Considerações Finais**

Creio que não poderemos buscar a compreensão das relações estabelecidas entre os diversos trabalhadores da Usina Malvina, sem o uso da oralidade. Os relatos dos trabalhadores, moradores do Distrito de Engenheiro Dolabela, ou até mesmo das pessoas que de alguma forma estavam ligados indiretamente, seja no comércio, na prestação de serviço temporário, dentre outros, mas que de alguma forma um dia tiveram parte da sua vida ligada a esta empresa. Suas memórias estão repletas de lembranças que contribuem para que possamos entender como era servir, residir e usufruir o que era ofertado pela Malvina.

A lembrança de um indivíduo certamente remete a memória coletiva, abrangendo acontecimentos que envolvem, por vezes toda a comunidade, seja através das festas, confraternizações promovidas pela empresa, uma colheita bem-sucedida, o aumento da produção, as cobranças em relação às metas estabelecidas, o operário que mais se destacava em um determinado setor, a promoção que conduzia alguns trabalhadores que eram convidados para conhecer e até mesmo atuar em outra fábrica do estado de São Paulo. São muitas ocorrências que apontam como era a relação com o trabalho, com os colegas, com os patrões, etc.

Dessa forma, a história oral é a metodologia que contribuirá para que reexaminemos a vida destes trabalhadores e nos permitirá aprofundar em suas memórias. Contudo, nos caberá cuidado ao manusear e/ou direcionar as entrevistas, entender quando uma fonte não quer aprofundar em determinados assuntos; ter discernimento para compreender algumas lembranças que poderão estar carregadas de sentimentos bons ou até mesmo maus, sentimentos estes que poderão direcionar ao um entendimento ao qual a fonte, o entrevistado, queira que seja entendido.

## **REFERÊNCIAS**

AMORIM, João Roberto D. Oligarquias, coronelismo, caciques e populistas. Montes Claros, UNIMONTES, 1999.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro : Zahar, 2002.

FENELON, Déa Ribeiro. “O Papel da História Oral na Historiografia Moderna”. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. (Org.) *Anais do Encontro Regional de História Oral Sudeste/Sul*. São Paulo: 1995.

GALLIAN, Dante Marceño Claramonte. O historiador como inquisidor ou como antropólogo? Um questionamento para os “historiadores orais”. *R. História*, São Paulo, a. 125-126, p. 93-103, ago-dez/91 a jan-jul/92

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LESSA, Simone Narciso. *Trem de Ferro: Do Cosmopolitismo ao sertão*. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História, Universidade de Campinas, Campinas, 1993.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História – História & Cultura*. nº 10. *Revista da Pós-Graduação em História da PUC-SP*. São Paulo. Brasil, 1993.

PINTO, Júlio Pimentel. Os muitos tempos da Memória. *Revista Projeto História*, São Paulo, (17) Nov, 1998.

SIQUEIRA, Vania Maria de. *De Agroindústria à Assentamento: Estudo de Caso Sobre a Atuação dos “Intelectuais de Tipo Rural” no processo de Reforma Agrária da Malvina-Bocaiúva/MG*. Vassouras /RJ: 2001

SOUZA, Rafael de Abreu e. Margarina, modernidade e arqueologia (1940-1970).  
Revista de história da arte e arqueologia. N. 20 / jul/dez. de 2013.

THOMPSON, E. P. A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade. 3. ed.  
Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, Vol. I.

THOMPSON, Paul. A voz do passado. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. A formação da classe operária inglesa: a força dos trabalhadores. 2. ed.  
Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. Vol. III.

\_\_\_\_\_. A formação da classe operária inglesa: a maldição de Adão. 2. ed. Rio  
de Janeiro: Paz e Terra, 1997, Vol. I.